

OBSERVAÇÕES SOBRE VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA  
EM KAMAIURÁ

*Lucy Seki*  
*Unicamp*

0. A alternância na seleção de formas de tratamento e referência dependendo das relações entre os protagonistas do discurso constitui uma manifestação bastante evidente da correlação entre variação de fatores sociais e variação lingüística e tem sido objeto de estudo de especialistas em diferentes línguas. Tal aspecto da investigação lingüística, em si muito interessante e de grande importância para a compreensão da linguagem e da cultura dos povos falantes, não tem, entretanto, merecido a devida atenção dos estudiosos de línguas indígenas brasileiras. Com relação a essas línguas encontramos apenas duas breves informações referentes ao assunto.

A primeira informação é inferida de Anchieta (1946) sobre o Tupinambá, língua falada na costa brasileira nos séculos 16 e 17. Nesta língua o sujeito

to de terceira pessoa, mesmo quando expresso nominalmente, era indicado junto ao verbo pelo prefixo o-, marcador de terceira pessoa, ou pelo prefixo ja-, marcador de primeira pessoa inclusiva. Conforme observa Anchieta, nos casos em que o sujeito e o objeto eram terceira pessoa alguma ambiguidade era possível, "cõtudo pella materia q se trata cõmumçete fica claro, como de cousa animata com inanimata, ou de mayor qualidade com menor..." qual era o sü jeito e qual era o objeto "...de qualquer maneira que se ponha...". Em (1) e (2) vêm reproduzidos os exemplos de Anchieta (p.36v):

(1) a. Pedro o- 'u miape

3 comer pão

b. Pedro miape o-'u

c. miape Pedro o-'u

d. o-'u Pedro miape

"Pedro come pão"

(2) a. Pedro jawara o-juka

onça 3-matar

"Pedro matou a onça"

Para Anchieta a dúvida poderia ocorrer em casos de "igualdade", ilustrada pelo exemplo reproduzido em (3):

(3) Pedro Joanne o-juka

"Pedro matou João" ou "João matou Pedro"

Segundo Anchieta, quando o sujeito era de "menor valia" que o respectivo objeto usava-se o prefixo ja-, como nos exemplos seguintes:

(4) a. sje ruba tobajara ja-'u

1 pai contrário 3 comer

"os contrários comeram meu pai"

b. moia Pedro ja-i-su'u

cobra 3 3 morder

"a cobra mordeu Pedro"

c. Pedro ta'yra ja-i-nupã

filho 3 3 bater

"o filho de Pedro bateu em Pedro"

Anchieta acrescenta que o prefixo ja- podia também ser usado quando o sujeito era "de maior estima", secundum subiectam materiam", como em:

(5) a. morobisaba mona ja -i- nami -'ok - ukar

b. morobisaba mona o -i- nami -'ok - ukar

Juiz ladrão 3 3 orelha arrancar mandar

"o juiz mandou desorelhar o ladrão"

Das observações de Anchieta podemos deduzir

que em Tupinambã 1) a ordem dos constituintes da oração era bastante livre (cf. ex.(1); 2) a distribuição dos prefixos o- e ja- permitia na maioria das vezes desfazer ambiguidades possíveis em tais condições; 3) o prefixo o- marcava um sujeito de "maior valia" que o respectivo objeto e o prefixo ja- marcava tanto um sujeito de "maior valia" quanto um de "menor valia" que o respectivo objeto. Não fica claro, porém, qual seria o conteúdo da "maior/menor valia". Se por um lado os exemplos em (1), (2) e (3) permitem pensar que ela estaria ligada às oposições animado/não animado, humano/não humano, por outro lado os exemplos (4)a. e (4)c., assim como outros constantes nas fontes sugerem que na sua determinação estariam envolvidos fatores extra-lingüísticos. Contudo, não encontramos nas fontes qualquer esclarecimento quanto a esses possíveis fatores<sup>1</sup>.

A segunda informação refere-se às línguas kadiweu e Guatô. Palácio e Rodrigues (1978) levantam a hipótese de que no Kadiweu um marcador de 2ª pessoa plural, usado inicialmente como forma de tratamento respeitoso, tenha substituído o marcador de 2ª pessoa singular, hoje inexistente na língua. Entre os Kadiweu tal mudança ter-se-ia desenvolvido em uma sociedade estratificada em classes sociais. Mudança semelhante teria ocorrido entre os Guatô, vizinhos dos Kadiweu e parcialmente dominados por eles.

No presente trabalho apresentamos algumas observações sobre a influência de fatores sociais na se

leção de formas de tratamento e referência em uma língua indígena brasileira do Alto Xingu - o Kamaiurá (Tupi-Guarani). Os dados lingüísticos considerados consistem de elementos pronominais, nomes e outras combinações usados como formas de tratamento e referência (vocativos, termos designativos de funções e parentesco, expressões descritivas)<sup>2</sup>. Os fatores sociais interpretados como condicionantes da seleção das formas lingüísticas são as relações inter-pessoais de parentesco.

1. Antes de abordar a questão em si é necessário apresentar uma breve informação sobre certos aspectos do sistema de parentesco Kamaiurá e sobre formas de tratamento e referência da língua.

1.1. O sistema de parentesco Kamaiurá é do tipo bilateral, com regra de residência patrilocal, precedida de matrilocalidade temporária (Galvão, 1953). No sistema Kamaiurá os parentes que têm, de fato ou potencialmente, a mesma função social são classificados do mesmo modo. Assim, são classificados como pai e mãe os irmãos do pai e as irmãs da mãe. Os termos usados pelo ego masculino para designar o filho ou filha verdadeiros aplicam-se também aos filhos e filhas dos irmãos e primos paralelos. Do mesmo modo, o ego feminino classifica os filhos das irmãs e primas paralelas como seus próprios filhos. Os termos para "irmão", "irmã" aplicam-se aos irmãos consanguíneos e aos primos paralelos. Por outro lado, há termos especiais para designar os parentes em linha cruzada: tio materno, tia paterna, primos e so

brinhos. Além de termos correspondentes a "avô", "avô" ,  
há designativos especiais para "marido", "esposa", para  
o pai e a mãe do cônjuge, para o marido e a esposa dos  
filhos, e para os irmãos e irmãs do cônjuge.

Interessam aqui o parentesco afim e as re-  
lações de evitação existentes entre cunhados de mesmo se-  
xo e entre o ego (masculino e feminino) e os pais (verda-  
deiros ou classificatórios) do cônjuge.

As relações de evitação manifestam-se no  
comportamento social e lingüístico dos indivíduos nela  
envolvidos e são, em geral, simétricas. Entretanto, va-  
riam em intensidade, dependendo do sexo e da geração dos  
indivíduos. Assim, nos casos enumerados adiante, a evita-  
ção é maior nas relações descritas em (6) e menor naque-  
las descritas em (7):

- (6) ego masculino X pai do cônjuge (genro X sogro)
- ego masculino X mãe do cônjuge (sogro X sogra)
- ego feminino X pai do cônjuge (nora X sogro)

- (7) ego feminino X mãe do cônjuge (nora X sogra)
- ego masculino X esposo da irmã ou irmão da esposa  
( cunhado X cunhado )
- ego feminino X esposa do irmão ou irmã do esposo  
( cunhada X cunhada )

De acordo com as normas de comportamento  
vigentes entre os Kamaiurã um homem e seu sogro ou sogra,  
bem como uma mulher e seu sogro evitam a proximidade em

casa ou no trabalho, não podem sentar-se na rede um do outro, evitam falar-se diretamente ou entregar qualquer objeto diretamente um ao outro. O homem deve, além disso, atender a todas as solicitações de seu sogro e cuidar prioritariamente de seus interesses. Deverá, por exemplo, trabalhar primeiro na roça do sogro, depois na roça co mum e só então na sua própria.

Por outro lado, a uma mulher e sua sogra, bem como aos cunhados de mesmo sexo são permitidos a co munição face a face e o trabalho conjunto. A evitação manifesta-se, nestes casos, fundamentalmente pelo não pronunciamento do nome próprio (ver adiante).

Os Kamaiurá interpretam a observação das normas de comportamento acima referidas como demonstra ção de respeito. Segundo os informantes, antigamente as normas eram obedecidas rigorosamente, o que não ocorre hoje em dia.

1.2. O sistema pessoal do Kamaiurá inclui prefixos, pronomes dependentes e pronomes independentes que exprimem as categorias de falante (1), falante e ou vinte (12), falante e terceiro (13), ouvinte (2), ouvin te e terceiro (23) e terceiro (3). Não há pronome de ter ceira pessoa. Seu papel no paradigma de pronomes dependen tes é suprido por prefixos relacionais, e no paradigma de pronomes independentes, pelos demonstrativos a'e "es se", pe "aquele", os quais funcionam sintaticamente como substantivos. Uma modalidade de plural (33) é obtida com o morfema wan posposto aos demonstrativos a'e, pe ( e a

outros nomes. Os prefixos relacionais oro, e opo- são usa dos nos casos em que o sujeito é primeira pessoa (1 ou 13) e o objeto é a segunda pessoa, respectivamente ouvinte e ouvinte e terceiro.

As formas com dêixis de segunda e/ou ter ceira pessoa, pertinentes ao assunto aqui tratado, vêm re sumidas no Quadro I.

QUADRO I

	Prefixos subjetivos	Pronomes dep.	Pronomes indep.	Prefixos relacionais
2	ere-,e-	ne	ene	oro-
23	pe-,peje-	pe	pehẽ	opo-
3 ~	o-		(a'e,pe)	i-, t-, h-
(33)			(a'ewan pewan)	

2. Em Kamaiurã ocorre uma variação no uso das formas de tratamento e referência dependendo da iden tidade do ouvinte ou da pessoa referida, identidade esta

considerada do ponto de vista das relações inter-pessoais de parentesco.

## 2.1. Nomes próprios.

1. Os indivíduos envolvidos nas relações de evitação brevemente descritas em 1.1. não devem pronunciar os nomes uns dos outros mesmo na ausência da pessoa referida. Esta restrição aplica-se a todos os casos, independentemente do grau de rigidez das normas de comportamento referidas acima e constituem a manifestação mais evidente das relações de evitação. Os Kamaiurá consideram que pronunciar o nome de um sogro ou cunhado constitui enorme falta de respeito, e sentem-se extremamente envergonhados até mesmo em imaginar fazê-lo.

2. A restrição quanto ao pronunciamento do nome próprio persiste após o falecimento do parente. Entre os Kamaiurá é costume as crianças receberem dois nomes, um dado pelo pai, e outro dado pela mãe, tirados respectivamente dos avós paternos e dos avós maternos. Cada um dos pais chama a criança somente pelo nome que corresponde ao de seu pai/sua mãe, abstendo-se de pronunciar o que corresponde ao de seu sogro/sogra.

## 2.2. Formas pronominais.

As relações de evitação condicionam também a seleção das formas pronominais de tratamento e referência indicadas em 1.2. Os indivíduos implicados nessas relações, ao se dirigirem ou ao se referirem uns aos outros, mesmo que individualmente, fazem uso das for

mas pronominais cujo referente é 23 (pe, pehẽ, opo-) ou 33 (a'ewan, pewan), em lugar das formas cujo referente é 2 (ere-, ne, ene, oro-) ou 3 (a'e, pe). Comparem-se os seguintes pares de exemplos:

(8) a. ko katy rak ere-ko  
roça em pas 2 estar  
"vocẽ estava na roça"

b. ko katy rak pe-ko  
23  
"vocẽ(s) estava(m) na roça"

(9) a. je akajym -amoẽ oro-ekat  
1 preocupar quando 2 procurar  
"quando fiquei preocupado vim procurar vocẽ"

b. je akajym -amoẽ opo-ekat  
23  
"quando fiquei preocupado vim procurar vocẽ(s)"

(10) a. a'e -a o-kwahap  
3 m.nom. 3-saber  
"ele sabe"

b. a'e-wan -a o-kwahap  
3 -pl.  
"ele(s) sabe(m)"

Os exemplos (8)a, (9)a e (10)a

casos em que o referente das formas pronominais é uma única pessoa, não envolvida nas relações de evitação. Os demais exemplos ilustram tanto o uso normal das formas pronominais, cujo referente é mais de uma pessoa, quanto ao uso especial dessas formas, no caso em que seu referente é uma única pessoa envolvida nas relações de evitação.

### 2.3. Outras formas.

A restrição quanto ao pronunciamento do nome próprio acarreta o uso de substantivos, sendo os seguintes os mais frequentes:

1. Vocativos e termos designativos de parentesco: pewan (voc.) "sogro, sogra, cunhado, cunhada, genro, nora"; je rairo'yt "cunhado" (irmão da mulher, marido da irmã); je uke'i "cunhada" (irmã do marido, mulher do irmão); je ratyup "sogro" (homem falando); je raijo "sogra" (h.f.); je menup "sogra" (mulher falando); je meny "sogra" (m.f.); je rajywen "genro" (h.f.); je peum "genro" (m.f.); je ra'ytaty "nora" (h.f.); je memytaty "nora" (m.f.).

2. Termos designativos de funções : morerekwat "chefe", paje "pajé", moanyjat "feiticeiro", torywajat "dono da festa", pareat "mensageiro", etc.

3. Expressões descritivas. Dado que o sistema de parentesco Kamaiurá é marcado por uma considerável extensão de termos, um simples designativo como "cunhado", "sogro" é frequentemente ambíguo por aplicar-se a várias pessoas, tornando-se necessária a utilização

de outros recursos lexicais para identificar com maior precisão a pessoa referida. Naturalmente a utilização desses recursos depende de uma série de fatores relacionados à pessoa do falante, à pessoa do ouvinte e à pessoa referida. Em particular depende da avaliação que o falante kamaiurã faz do conhecimento que o interlocutor tem da sociedade kamaiurã e de seus representantes. Obviamente, a necessidade de recursos extras será tanto maior, quanto menor for o conhecimento atribuído ao interlocutor.

Os recursos lexicais são múltiplos e dificilmente se prestam a classificação. Limitamo-nos aqui a citar dois tipos:

1. Expressões descritivas que envolvem relações de parentesco. Neste caso é identificada uma pessoa a) pelo nome próprio (se não há impedimento), b) pelo termo designativo de seu parentesco com o falante (ou ouvinte), ou c) pelo termo designativo de sua função, e é indicado o parentesco que com ela mantém a pessoa à qual o falante deseja se referir e cujo nome não pode pronunciar. Por exemplo:

- a) Kurimata 'irū - "o marido de Kurimata";
- b) je kywya remireko "a esposa de meu irmão"(m.f.)
- c) morekewara ra'yra - "o filho do chefe".

2. Expressões descritivas em geral. São expressões que caracterizam a pessoa referida segundo

seus atributos pessoais, suas ações, fatos em que se em envolveu. O seguinte exemplo serve de ilustração<sup>3</sup>:

- (11) apoa 'ana, je rairo'yra ja'iwerera 'ana  
fulano esse 1 cunhado feio esse  
i- 'akwahaw-uma'e'ym-aw -a 'ana  
3 saber neg neg nom m.n. esse

"o fulano, meu cunhado, esse feio, que é sem en tendimento"

Os fatos descritos acima demonstram a in fluência de fatores sociais, no caso as relações inter - pessoais de parentesco, na seleção de formas lingüísticas Kamaiurã. Além deste, há outros aspectos de variação lin güística a investigar, entre eles os dialetos de sexo, que se manifestam claramente em Kamaiurã no uso de partí ci culas próprias a cada sexo.

Sabemos que fatos semelhantes ocorrem em outras línguas indígenas brasileiras, em particular em línguas do Alto Xingu. Esperamos que a comunicação aqui apresentada possa servir como estímulo para o seu estudo.

---

NOTAS:

1. Outra explicação para os fatos do Tupinambã é dada em Rodrigues (1978). Para o autor o prefixo o- ocorre

quando o sujeito é o foco do discurso e o prefixo ja-, quando o sujeito não é o foco.

2. Os dados aqui utilizados são parte de um corpus colhido por nós em 1968 e em diversas oportunidades a partir de 1978.
3. Este exemplo foi extraído de um texto coletado pelo Dr. C. Harrison (Harrison s.d.).

---

BIBLIOGRAFIA:

ANCHIETA, Pe.J.de (1946). *Arte de gramática na língua mais usada na costa do Brasil*. Editora Anchieta S.A., São Paulo.

BRIGHT, W. (1974). "As dimensões da sociolinguística". In: *Sociolinguística*. Maria Stella V. Fonseca e Moema F. Neves (orgs.) Eldorado, Rio de Janeiro.

GALVÃO, E.(1953). *Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Xingu*. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia, nº 14.

HARRISON, C.H. (s.d.) Textos Kamaiurã. (dat.).

- HEAD, B. (s.d.). Social factors in the use of pronouns for addressee in Brazilian Portuguese.(dat.)
- PALACIO, A. e Rodrigues, A.D. (1979). "Marcadores de pesoa em Guatō e Kadiweu". Comunicação apresentada no XXI Seminário do GEL, USP, São Paulo.
- PÊCHEUX, M. (1969). *Analyse automatique du discours*. Dunod, Paris.
- RODRIGUES, A.D. (1978). "O sistema pessoal do Tupinambã". *Ensaio de Lingüística*. Y.G. Liberato e M. A. Perini (orgs.). Fac.de Letras da UFMG, Belo Horizonte.
- SEKI, L., Textos Kamaiurã (inédito)
- SEKI, L., Materiais para a descrição do Kamaiurã (inédito).